

Para reescrever o ‘passado’ – O *Nachträglich* do inconsciente freudiano

Aline Brasiliense dos Santos Brito¹

RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar o conceito de inconsciente em Freud com relação à questão da atemporalidade afirmada, sobretudo, em *Além do princípio do prazer* (1920) e em *Acerca de uma visão de mundo* (1933). Freud afirma que os processos inconscientes possuem um caráter atemporal, contrariando a tese filosófica acerca do papel do tempo para a constituição de um objeto científico, conforme apresentado por Kant. Assim, os processos inconscientes não são cronologicamente organizados e nem sofrem alterações pelo tempo decorrido. Comparativamente ao modo de funcionamento do sistema consciente, Freud apresenta o inconsciente como atemporal, sem, contudo, despojá-lo de uma modalidade temporal própria, o *Nachträglich*, conceito que promove interpretações diversas nas vertentes inglesa e francesa (Gondar, 1995) e que vai na direção da consecução de um tempo subjetivo que subjaz às representações inconscientes, dotando estas de um potencial de construção e reconstrução de significados de forma não-linear.

PALAVRAS-CHAVE

Tempo; Atemporalidade; Consciência; Inconsciente.

¹ Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Doutoranda em História pela UFPA. Lattes: 9465769496938117. E-mail: brasiliense@ufpa.br. ORCID: 0000-0002-7555-8725.

To rewrite the ‘past’ – The *Nachträglich* of the Freudian unconscious

ABSTRACT

This article aims to analyze the concept of the unconscious in Freud in relation to the issue of timelessness, stated above all in *Beyond the pleasure principle* (1920) and in *The question of a Weltanschauung* (1933). Freud states unconscious processes have a timeless character, contradicting the philosophical thesis about the role of time in the constitution of a scientific object, as presented by Kant. Thus, unconscious processes are not chronologically organized and do not undergo changes over time. Compared to the way the conscious system functions, Freud presents the unconscious as timeless, without, however, depriving it of its own temporal modality, the *Nachträglich*, a concept that promotes diverse interpretations in the English and French strands (Gondar, 1995) and that points towards the achievement of a subjective time that underlies unconscious representations, endowing them with a potential for construction and reconstruction of meanings in a non-linear way.

KEYWORDS

Time; Timelessness; Conscious; Unconscious.

Recebido: 19/01/2025

Aceito: 19/05/2025

Publicado: 07/10/2025

Doi: <https://doi.org/10.59780/orev7915>

Introdução

Em *Além do princípio do prazer* observa-se a menção de Freud, de que tais características – atemporalidade, assim como a espacialidade – são ‘entendidas sempre em contraposição à consciência’ (2006a, p.152). Mas o que exatamente se pode vislumbrar com esta tão breve afirmação de Freud?

Gondar, em *Os tempos de Freud* (1995), desenvolve a tese de que o inconsciente seria atemporal sempre e em comparação à consciência, ou seja, é comparado ao tempo da consciência que Freud afirma o inconsciente como atemporal, porque possui um tempo específico, totalmente diverso da consciência e não redutível a esta. O tempo do inconsciente é o que Freud designa como *Nachträglich* (*a posteriori*; posterioridade), um tempo não cronológico, não processual, mas essencialmente constituído de rupturas, e rearranjos abruptos, um tempo lógico que orientará a compreensão do trauma e do recalque.

Essa tese de uma temporalidade inconsciente, conforme afirmado, não fora algo tratado precisamente por Freud, o que possibilitou diversas concepções de um tempo para o inconsciente pelas vertentes psicanalíticas e, conseqüentemente, para a tradução do *Nachträglich*. A tradução francesa para o termo é *après-coup* (*a posteriori*) e a inglesa *deferred action* (ação retardada), ambas representando teses diversas sobre a temporalidade inconsciente e que serão analisadas no decorrer deste artigo.

A atemporalidade do inconsciente e o conceito de *Nachträglich*

Em *O inconsciente* (1915), ao descrever as características do sistema inconsciente, o caráter atemporal já é destacado, mas é em *Além do princípio do prazer* (1920) que a tese é mencionada explicitamente em contraposição à teoria kantiana que elege espaço e tempo como condições requeridas para a cientificidade, no intuito de justificar como o inconsciente, mesmo estando fora de tais condições, pode ser um conceito válido e constituir o objeto científico da psicanálise. Neste momento, a tese da atemporalidade do inconsciente é evocada por Freud particularmente nesse intuito, mas sem maior aprofundamento:

[...] sabemos que os processos psíquicos inconscientes são “atemporais”. Isto significa, em primeiro lugar, que eles não podem ser dispostos em ordem temporal,

que o tempo não os submete a nenhuma modificação e que a ideia de tempo não pode ser aplicada a eles (2006a, p. 152).²

Em um primeiro momento, poder-se-ia levantar a possibilidade de uma contradição neste enunciado, afinal, a ideia de *processos* inconscientes implica certa dimensão temporal – um processo, no mínimo, implica um antes-e-depois, dois eventos em uma relação temporal. Ademais, admitir que tais processos possam ocorrer sem nenhuma forma de relações temporais seria atribuir ao inconsciente um aspecto caótico, sem nenhuma lógica, o que não acontece: o inconsciente tem seu modo de operar específico, como bem se observa nos mecanismos de condensação, deslocamento e a repetição, que implicam em uma certa dimensão temporal. O que significa, portanto, a afirmação de que ‘os processos psíquicos são atemporais’? Com relação a esta indagação podemos ter algum esclarecimento no que Freud virá a afirmar mais à frente, depois de enunciadas as características atemporais do inconsciente: “estas são, contudo, características negativas que só poderão ser entendidas com clareza *se as comparamos com os processos psíquicos conscientes*” (2006a, p. 152, ênfase adicional), ou seja, afirmar que ‘o inconsciente é atemporal’, que ‘o tempo não se aplica a ele’, é sempre algo dito relativamente, em comparação à consciência, ou melhor, à temporalidade desta:

na verdade, a tese da atemporalidade do Ics não deve ser tomada sem uma certa relativização. Não se trata de uma negação absoluta de uma temporalidade no Ics, mas sim de marcar sua diferença em relação ao conceito tradicional de tempo e sobretudo à temporalidade característica do sistema Pcs/Cs (Garcia-Roza, 2008, p. 233).

O trecho contido em *Além do princípio do prazer* toma, assim, um sentido mais nítido. Pode-se dizer que é neste momento que “[...] a teoria freudiana do tempo já começa a ser exposta [...], ainda que seja apresentada pelo seu negativo” (Gondar, 1995, p. 31), ao que agora poder-se-ia dele extrair três asserções acerca da atemporalidade do inconsciente: I) dizer que ‘os processos psíquicos inconscientes são atemporais’ significa sempre dizê-lo com relação à consciência, o que não dispensa uma outra modalidade de tempo; II) que eles ‘não estão dispostos em uma ordem temporal’ – tomando sempre o padrão da consciência – implica descartar a possibilidade de uma temporalidade cronológica para o inconsciente; III) por último, a tese de que ‘o tempo não os submete a nenhuma modificação’ evidencia o que Freud já há tanto enunciara para as representações inconscientes: sua *indestrutibilidade*, ideia que torna possível, na teoria do recalque, que o reprimido mantenha-se ativo e forme derivados. É por o

² Podemos ainda verificar essa definição no texto de 1915, *O inconsciente*: “[...] atenhamo-nos ainda ao Ics. e ressaltemos agora que os processos nesse sistema são atemporais, eles não são cronologicamente organizados, não são afetados pelo tempo decorrido e não têm nenhuma relação com o tempo” (2006c, p. 37-8).

tempo cronológico não afetar o inconsciente que um representante ideativo é ‘imortal’: “[...] impressões que pela repressão afundaram no Id, são virtualmente imortais, comportam-se, após décadas, como se tivessem acabado de surgir” (Freud, 2010a, p. 216). Embora possamos, partindo desta perspectiva, vislumbrar certo esclarecimento acerca desta atemporalidade – ou temporalidade – inconsciente, o que se tem nesta breve discussão da questão em *Além do princípio do prazer* é uma tese, conforme já afirmara Gondar, negativa da temporalidade. Afinal, é pela negação da temporalidade consciente que se apresenta o que ‘não é’ o tempo do inconsciente, sem que fique claro em que propriamente consiste esse tempo. A tarefa de compreender a tese de Freud acerca deste ponto implica em, primeiramente, entender o que significa o tempo na obra freudiana, em compreender essa dimensão que é negada ao inconsciente, a temporalidade consciente.

A noção de tempo envolve uma ordem cronológica que, conforme o exposto anteriormente, é negada por Freud ao inconsciente em *Além do princípio do prazer* e é particularmente atribuída à consciência. É importante ressaltar que esta ideia de tempo não se coaduna com a possibilidade de um tempo subjetivo, um tempo ‘vivido’ conforme a concepção da fenomenologia; para Freud, o tempo concebido como sucessão de instantes não implica necessariamente em instantes vividos, mas em uma ideia abstrata. Pode-se constatar essa concepção em dois textos que esclarecem, em parte, essa questão: o próprio texto de *Além do princípio do prazer* (1920) e *Uma nota sobre o bloco mágico* (1925). No primeiro texto, Freud já destacara esse tempo como uma ‘ideia abstrata’ formada por meio do modo de operar do sistema *Pcp-Cs*: “a ideia abstrata que temos do tempo parece ter sido inteiramente derivada do modo de trabalhar do nosso sistema *Pcp-Cs* e aparentemente corresponde a uma autopercepção desse modo de operar psiquicamente” (2006b, p. 152). Este modo de operar do sistema *Pcp-Cs* é constituído por meio de uma descontinuidade: o sistema está apto a perceber os estímulos enquanto está ‘investido’. Quando esse investimento é retirado, a consciência esvai-se, só novamente reaparecendo quando do recomeço do mesmo processo:

durante o tempo em que o sistema estivesse sendo ocupado por essas cargas de investimentos, ele se manteria ativado e apto a captar percepções que lhe chegam de fora e se manifestam como consciência. [...] Entretanto, assim que as cargas de investimentos fossem novamente recolhidas, apagar-se-ia a consciência e toda capacidade de desempenho do sistema seria sustada (Freud, 2007, p. 141).

Dessa forma, a percepção de instantes descontínuos, de um antes e um depois é que vai embasar a ideia de temporalidade da consciência.³ Essa noção de tempo é, contudo, formada pelo modo de operar desse sistema, é uma ‘ideia abstrata’ como muitas vezes menciona Freud, e não um tempo subjetivo, tempo vivenciado, pois a consciência sequer guarda traços de memória: ela constitui-se de um contínuo ‘acender’ e ‘apagar’ sem que conserve qualquer traço do evento passado – esta função pertence ao sistema inconsciente. Conforme Gondar, “o tempo de que nos fala Freud não é, portanto, um tempo vivido, mas um conceito, uma ideia abstrata que será formada a partir da descontinuidade do funcionamento do sistema *Pcp-Cs*” (1995, p. 40). Essa concepção de Freud acerca desse tempo atribuído à consciência como um tempo essencialmente abstrato, uma ‘ilusão’ derivada de determinado modo de funcionamento, nos remete ao verdadeiro sentido de uma temporalidade inconsciente: em oposição à consciência, a temporalidade do inconsciente deve constituir-se em um tempo real e não abstrato; uma temporalidade específica que implica na própria produção do inconsciente, conforme podemos notar na concepção de tempo freudiano sob o termo *Nachträglich*.

O tempo do inconsciente para Freud pode ser compreendido como descontinuidade, como o tempo do ‘instante’, instante esse em que o próprio inconsciente emerge. É como acontece no ato falho, em que o inconsciente irrompe de maneira imprevisível por meio de certas lacunas da consciência, ou no trauma, em que a cena de um passado remoto é vivenciada como traumática apenas após ser ativada por algo no presente que a evoque. O inconsciente é, assim, considerado atemporal quando comparado à temporalidade da consciência, mas, à parte isso, ele possui uma temporalidade que lhe é peculiar: “de fato, seria mais rigoroso atribuímos ao inconsciente uma atemporalidade relativa, ao invés de uma atemporalidade absoluta. Ou seja, o inconsciente seria atemporal com relação a alguma(s) modalidades(s) de tempo, mas não com relação a todas” (Gondar, 1995, p. 30-1).

De fato, a existência de um tempo peculiar ao inconsciente já é colocada por Freud desde suas correspondências com Fliess:

[...] o material presente em forma de traços da memória estaria sujeito, de tempos em tempos, a um rearranjo segundo novas circunstâncias – a uma *retranscrição*. Assim, o que há de essencialmente novo a respeito de minha teoria é a tese de que a memória

³ Além de destacar algumas características próprias à consciência, como o *princípio de realidade* e *princípio da não-contradição*, a tópica freudiana a relaciona ainda a uma função eminentemente orgânica. Freud a denomina como um sistema conjunto com a percepção (o sistema *Pcp-Cs*; abreviação de percepção consciência): “[...] esse sistema teria de estar localizado na fronteira entre o exterior e o interior e que estaria voltado para o mundo exterior [...]” (2006a, p. 149), de tal modo que a noção de temporalidade seria regulada pela percepção desse sistema entre os momentos de ‘trânsito’ entre exterior/interior.

não se faz presente de uma só vez, mas se desdobra em vários tempos (Freud, 1986, p. 208 – Carta de 6 de dezembro de 1896).

Não segundo um material dado, construído linearmente, mas algo que se reconfigura por uma temporalidade essencialmente descontínua. Os processos inconscientes não obedecem à ordem cronológica do tempo consciente, mas lógica, conforme se verá adiante; ganham significação num tempo posterior, ‘*a posteriori*’, ou como designa Freud com o termo *Nachträglichkeit*. Essa sua concepção é ilustrada pelo caso de uma neurose infantil analisada durante anos em *O homem dos lobos* (1918). Resumidamente, o caso se passa com um jovem russo que na infância sofria de uma histeria de angústia iniciada por volta dos quatro anos. A histeria se apresentava sob a forma de uma fobia de um animal, o lobo, que ele associava às histórias infantis contadas pela irmã que o amedrontava com a figura do lobo. Freud relata que o jovem tinha um sonho constante, o qual ocorreu pela primeira vez aos quatro anos, que envolvia o animal responsável pela sua angústia. Freud descobre, pelo sonho, a cena primária nele envolvida: o jovem, quando criança, por volta de um ano e meio, havia presenciado uma cena de coito entre os pais na posição típica de um animal. Na época em que teve o sonho – aos quatro anos – pôde compreender o que representava aquela cena, antes sem significado, e a reprimiu, o que bem demonstra os sintomas da histeria nesse período, ou seja, foi só posteriormente que uma cena passada ganhou significado e pôde ser assim reprimida originando o trauma:

este é simplesmente um segundo caso de efeito *a posteriori* (*Nachträglichkeit*). Com um ano e meio a criança recebe uma impressão a que não pode reagir o bastante, só a compreende, só é comovido por ela na sua revivescência aos quatro anos, e somente na análise, duas décadas depois, pode apreender, com sua atividade mental consciente, o que ocorreu então dentro de si (Freud, 2010b, p. 63).

Mas o conceito de *Nachträglich*, embora possa ser compreendido em torno do termo posterioridade, não foi rigorosamente definido por Freud, o que levou a formas de interpretação diversas por parte das vertentes francesas e inglesas. Este ponto será analisado a seguir.

As vertentes inglesas e francesas: interpretações acerca do *Nachträglich*

O termo *Nachträglich* é compreendido de diversas maneiras pelas vertentes francesas e inglesas. No francês a tradução é *après-coup* (*a posteriori*) ou seja, o sentido do passado é dado pelo presente e não o inverso, e neste ponto concorda com a concepção de *posterioridade*

freudiana. A temporalidade na vertente francesa é tida como descontínua, concedendo privilégio ao instante:

a escola francesa [...] despreza qualquer ideia de linearidade em sua concepção da temporalidade psíquica. A ênfase não incide sobre as sucessivas etapas de desenvolvimento, mas no modo como são reorganizadas retrospectivamente as posições já tomadas (Gondar, 1995, p. 47).

Gondar nos coloca como principal representante desta vertente Jacques Lacan: “[...] foi Lacan quem levou adiante a lógica do *après-coup*, erigindo-a como a temporalidade própria da psicanálise” (2006, p. 112). De fato, podemos observar sua preferência por tal concepção de temporalidade em seu trabalho *O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada* (1945), onde o tempo é visto não sob o ponto de vista cronológico e linear, mas lógico e descontínuo. Lacan inicia propondo um sofisma: três homens, prisioneiros, serão libertados pelo diretor da prisão sob a condição de adivinharem por si mesmos, mas de forma lógica, a cor do disco que neles será colocado nas costas. São três discos brancos e dois pretos. Sem nos estendermos mais acerca do exemplo, pode-se notar que Lacan considera três modulações de tempo: o *instante do olhar*; *tempo para compreender* e *momento de concluir*. Temos ainda os *instantes de hesitação*, em que os sujeitos se encararam mutuamente, tentando decidir-se por sua cor de disco; esse tempo de hesitação são as ‘moções suspensas’. As modulações do tempo se misturam às moções suspensas, os momentos de hesitação, constituindo o tempo lógico em contrapartida ao tempo cronológico. O tempo de compreensão não pode ser medido pelo relógio, estimado, tal como outrora fora visto no caso mencionado do *Homem dos lobos*. Neste sentido, afirma Lacan: “o tempo para compreender pode se reduzir ao instante do olhar, mas esse olhar no seu instante pode incluir todo o tempo que é preciso para compreender. Assim, a objetividade desse tempo vacila com seu limite” (1998, p. 78).

Assim, para Lacan, “[...] o tempo lógico é o tempo do inconsciente, que não pode ser medido pelo relógio” (Gondar, 2006, p. 113). Já a vertente inglesa traduz o termo por ‘ação retardada’, *deferred action*, um tempo processual, linear, caracterizado pela determinação linear do passado sobre o presente. Essa concepção concebe o presente sempre como efeito da fixidez do passado, quer este efeito demore a se manifestar ou não: “o determinismo linear, que valoriza a ação causal do passado sobre o presente é, nesse caso, o que melhor se adequa a uma tal concepção, ainda que possa haver uma distância temporal entre o surgimento da causa e a irrupção dos efeitos” (Gondar, 1995, p. 47). Como principal representante de tal concepção, Gondar nos aponta Winnicott, o qual concebe a constituição da subjetividade como fases sucessivas, o ‘desenvolvimento emocional’ de um sujeito. Um bebê, no início totalmente

dependente do ambiente, torna-se um ser singular, se integra nas relações espaço-temporais e na realidade se as condições forem propícias, ou seja, se o ambiente – neste ponto a ênfase recai sob o papel da mãe como aquela que proporciona as condições necessárias requeridas para o ‘correto’ desenvolvimento do ser do bebê (que o protege das ameaças do ambiente) – permitir que a continuidade do ser siga ininterruptamente:

o bebê vai desenvolver suas potencialidades inatas para se integrar no tempo e no espaço, para se personalizar – alojar a psique no corpo – e para estabelecer um contato com a realidade, se o ambiente for favorável. Se os cuidados maternos forem suficientemente bons, o bebê realiza as tarefas básicas dos estágios iniciais do desenvolvimento, estabelecendo-se uma “continuidade de ser” (Lejarraga, 2008, p. 128).

O desenvolvimento dar-se-ia em três fases: “Winnicott vai propor três estágios sucessivos de desenvolvimento: dependência absoluta, dependência relativa e rumo à independência” (Gondar, 2006, p. 107), que seriam atingidas, conforme mencionado, dadas as condições favoráveis. Assim, tem-se que é segundo a ordem cronológica dessas três fases que se constitui a subjetividade. É pela ordem processual, pelas fases ordenadas temporalmente que o ser se efetiva, que continua ‘sendo’. O sujeito não emerge *a posteriori*, mas é dado segundo etapas de um desenvolvimento que implica a efetivação de uma fase passada: “a passagem de um estágio a outro não depende de rupturas, momentos críticos, acontecimentos súbitos, mas se dá numa relação de continuidade” (Gondar, 2006, p. 107). Qualquer possível ‘quebra’ ou interrupção destas fases implica em uma descontinuidade do ser, em um ‘trauma’.

Recalque e trauma: o caso Emma e o *Homem dos lobos*

O *après-coup* da vertente francesa, com sua concepção de uma temporalidade no inconsciente descontínua, fragmentada, um tempo lógico ao invés de cronológico, reflete de maneira mais próxima o que Freud entendia por *Nachträglich*. Desde a carta dirigida a Fliess (de dezembro de 1896) Freud autoriza tal hipótese, e podemos identificar o mesmo com a análise do caso de Emma no *Projeto para uma psicologia científica* (1895).

Freud inicia o estudo do caso com a seguinte afirmação: “Emma acha-se dominada, atualmente, pela compulsão de não poder entrar nas lojas sozinha” (2010c, p. 328). O caso dá-se da seguinte maneira: aos doze anos ela entra numa loja para comprar algo e percebe dois vendedores que riem. Segundo Emma, eles riem da roupa dela, e ela foge correndo da loja. Acresce-se que ela confessa a atração sexual por um dos vendedores. Analisando a situação, a princípio ininteligível, Freud remonta uma cena mais antiga: aos oito anos, Emma vai a uma

confeitaria comprar doce, ao que o proprietário apalpa por cima das roupas seus órgãos genitais. A impressão de tal experiência em nada afeta Emma, que ainda retorna ao local pela segunda vez. A angústia ao entrar em lojas desacompanhada não remete especificamente à cena dos dois vendedores, mas remonta a outra mais antiga que é reavivada por alguns elementos da situação vivenciada aos doze anos:

[...] o riso dos vendedores a fez lembrar-se do sorriso com que o proprietário da confeitaria acompanhou sua investida. A marcha dos acontecimentos pode ser reconstituída. Na loja, os dois vendedores estavam rindo; esse riso evocou (inconscientemente) a lembrança do proprietário. De fato, a segunda situação tinha ainda outra semelhança [com a primeira]: ela mais uma vez estava sozinha na loja. Juntamente com o dono da confeitaria, lembrou-se de que ele a agarrara por cima da roupa [...] (Freud, 2010c, p.328).

Assim, aqui novamente encontramos o sentido da posterioridade em Freud: o sentido do passado é dado pelo presente, numa temporalidade essencialmente descontínua. O sentido do trauma não se encontra em si mesmo, não é dado pela cena que poderia se dizer ‘traumática’, o atentado aos oito anos; mas, posteriormente, por um evento no presente que o dota de significação, conforme destaca Gondar: “[...] ela só se torna traumática quando, transformada em representação-lembrança, é evocada por uma segunda cena (sexualmente representável) passando então a receber um sentido” (1995, p. 53).

Também a mesma concepção de temporalidade encontramos em *O homem dos lobos*. O caso do jovem, já tratado brevemente no tópico anterior, remonta a uma cena primária ininteligível na idade de um ano e meio, e que só ganhará significação aos quatro anos, quando o garoto já iniciou suas investigações sexuais – cabe ressaltar que, a esta altura, Freud já havia amadurecido sua teoria sobre a sexualidade infantil, que ainda não se encontrava na época do caso Emma. Neste relato clínico de Freud, seu paciente russo sofre de uma histeria de angústia que tem início aos quatro anos, idade em que também começa a ter um sonho angustiante que irá sempre se repetir ao longo de sua vida. O sonho se resumia a lobos sentados em uma árvore em frente à janela de seu quarto, o observando, completamente imóveis. No sonho o menino via a cena ao acordar e era acometido pela angústia. Freud desvenda, em anos de interpretação, a cena primária já mencionada anteriormente, que será significada dentro do circuito do *Nachträglich*.

O caso do *Homem dos lobos* também nos fala do recalque,⁴ e de sua relação com a temporalidade do inconsciente nos seguintes termos: o recalco é uma cena de conteúdo sexual

⁴ De fato, a tese da indestrutibilidade dos conteúdos recalcados, que podem ser significados e ressignificados, é sempre um elemento presente mesmo nos textos da década de trinta de Freud: “desejos que jamais foram além do

que só ganha significação posteriormente com a descoberta da sexualidade. Podemos, neste ponto, colocar a seguinte ordem do processo de recalque: I) a *inscrição*, momento em a cena é inscrita no inconsciente – cabe ressaltar, conforme afirma Freud, que essa distinção entre consciente e inconsciente ainda não existe de fato para a criança – ou recalque primário que tornara possível posteriormente a segunda etapa do processo; II) o *recalque secundário*; e uma última fase, III) o *retorno do recalque*. A inscrição da cena primária no inconsciente só ganhará valor traumático, o que culmina no recalque secundário, posteriormente, após a compreensão da significação da cena que será reativada: “a cena atua posteriormente, e neste ínterim, no intervalo entre um ano e meio e quatro, nada perdeu do seu frescor” (Freud, 2010b, p. 62). É assim que o *Nachträglich* se estende não somente aos eventos traumáticos, mas ao funcionamento do processo de recalque, bem como, portanto, do funcionamento do inconsciente:

não é apenas na esfera do trauma que a noção de *Nachträglich* terá valor operatório. Na verdade, o seu alcance se expande ao libertar-se do modelo traumático: todo processo de recalque e, por extensão, todo funcionamento inconsciente serão através dela explicados (Gondar, 1995, p. 55).

Tomar os processos inconscientes dentro da esfera do *Nachträglich* compreenderia, dessa forma, demais eventos como o processo do luto⁵ e mesmo os caminhos libidinais, que culminam na formação dos interditos culturais e escolhas objetais como construções não-imediatas, mas ressignificadas processualmente, de forma não linear, dentro de uma subjetividade capaz de recriar ao infinito sentidos e possibilidades diversas, como uma história própria, mas cujo tempo não estaria subsumido à ordem cronológica dada pela ciência, mas exclusivamente do sujeito.

Isso, mas também impressões que pelo recalque afundaram no Isso, são virtualmente imortais, comportam-se após décadas, como se tivessem acabado de surgir. [...] Sempre tive a impressão de que tiramos pouco proveito, para nossa teoria, desse indubitável fato da imutabilidade do recalque através do tempo. Tal situação parece permitir um acesso aos mais profundos vislumbres” (Freud, 2010a, p. 216).

⁵ Embora Freud não desenvolva a tese explicitamente no caso do luto, podemos atestar o mecanismo do *Nachträglich* por meio do trabalho do sujeito no caminho para a dissolução dos laços de libido com o objeto perdido, fase final do luto: o objeto perdido não é abandonado facilmente, resistindo ao teste de realidade, ele será ressignificado inúmeras vezes pelo sujeito: “cada uma das lembranças e expectativas que vinculam a libido ao objeto é trazida à tona e recebe uma nova carga, isto é de sobreinvestimento”. Apenas, quando contrariando o teste de realidade – que aponta para a perda material e imediata, portanto cronológica, do objeto – o acontecimento puder ser ressignificado pelo sujeito, o processo de sobreinvestimento terá fim e o Eu voltará a ‘funcionar sem inibições’ (Freud, 2006b, p. 104).

Considerações finais

Ao longo da pesquisa, verificou-se que o conceito de atemporalidade do inconsciente, conforme a perspectiva de Freud, implica uma consideração de complexas questões: a primeira no que diz respeito ao próprio conceito de atemporalidade, ou seja, ela deve ser considerada relativamente à temporalidade da consciência, de modo que o inconsciente é atemporal, se comparado com a noção de temporalidade da consciência. Quando, portanto, considerado independentemente da consciência, o inconsciente apresenta determinada temporalidade, conforme observamos ao longo do artigo.

De igual maneira, o modo de compreensão desta atemporalidade do inconsciente, a partir do conceito de *Nachträglich*, denota o sentido de posterioridade para Freud, mas que, para as diferentes vertentes de interpretação, assume um sentido diverso. A vertente francesa, com seu *après-coup*, aproxima-se de certo modo do sentido dado pela temporalidade inconsciente em Freud: constitui a temporalidade entendida enquanto descontinuidade, enquanto a inteligibilidade do passado dada pelo presente – ou o ‘desdobramento dos vários tempos’ da memória, conforme aludido na carta a Fliess; já a vertente inglesa propõe um sentido diverso, de modo que o *Nachträglich* é entendido enquanto ação retardada, tempo processual e linear em que o presente vem de antemão determinado por um passado irreversível.

Vimos que a primeira vertente representada por Lacan é a que se aproxima de forma mais contundente da noção de *posterioridade* freudiana, e que, igualmente, esse conceito se expande para o âmbito do trauma, do processo de recalçamento e, portanto, para todo o funcionamento do inconsciente.

REFERÊNCIAS

ASSOUN, Paul-Laurent. *Freud, a filosofia e os filósofos*. Trad. Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

FREUD, Sigmund. Acerca de uma visão de mundo (1933). In: FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)*. Vol. 18. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a, p. 321-54.

FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos (1900)*. Vol. 2. Trad. Renato Zwick. Porto Alegre: L&M, 2012.

FREUD, Sigmund. *Além do princípio do prazer (1920)*. Rio de Janeiro: Imago, 2006a, p. 135-82. (Edição *standard* brasileira das obras completas de Sigmund Freud, vol. 2)

FREUD, Sigmund. Carta a Wilhelm Fliess (6 de dezembro de 1896). In: MASSON, Jeffrey Moussaleff (ed.). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess (1887-1904)*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1986, p. 208-16.

FREUD, Sigmund. História de uma neurose infantil (“o homem dos lobos”, 1918 [1914]). In: FREUD, Sigmund. *História de uma neurose infantil (“o homem dos lobos”), além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)*. Vol. 14. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b, p. 13-160.

FREUD, Sigmund. *Luto e melancolia (1917)*. Rio de Janeiro: Imago, 2006b, p. 103-16. (Edição *standard* brasileira das obras completas de Sigmund Freud, vol. 2)

FREUD, Sigmund. *O inconsciente (1915)*. Rio de Janeiro: Imago, 2006c, p. 19-60. (Edição *standard* brasileira das obras completas de Sigmund Freud, vol. 2)

FREUD, Sigmund. *Projeto para uma psicologia científica (1895)*. In: FREUD, Sigmund. *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos (1886-1889)*. Rio de Janeiro: Imago, 2010c, p. 276-360. (Edição *standard* brasileira das obras completas de Sigmund Freud, vol. 1)

FREUD, Sigmund. Repressão (1915). In: FREUD, Sigmund. *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. Vol. 12. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2010d, p. 54-66.

FREUD, Sigmund. *Uma nota sobre o bloco mágico (1925)*. Rio de Janeiro: Imago, 2007, p. 137-41. (Edição *standard* brasileira das obras completas de Sigmund Freud, vol. 3)

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

GONDAR, Jô. *Os tempos de Freud*. Rio de Janeiro: Revinter, 1995.

GONDAR, Jô. Winnicott, Bergson, Lacan: tempo e psicanálise. *Ágora*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 103-17, jan./jun. 2006. <https://doi.org/10.1590/s1516-14982006000100008>.

LACAN, Jacques. O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada: um novo sofisma [1945]. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 197-213.

LEJARRAGA, Ana Lila. Clínica do trauma em Ferenczi e Winnicott. *Natureza humana*, v. 10, n. 2, p. 115-48, jul./dez. 2008. <https://doi.org/10.59539/2175-2834-v10n2-933>.

SISSON, Nathalia; WINOGRAD, Mona. A ciência de Freud: introdução ao problema da cientificidade na psicanálise. *Fractal*, v. 22, n. 1, p. 67-84, jan./abr. 2010. <https://doi.org/10.1590/S1984-02922010000100006>.